

ARCO DESIGN

REVISTA BIMESTRAL DE DESIGN ARQUITETURA INTERIORES COMPORTAMENTO

NEW! FULL TEXT IN ENGLISH

QUADRIFOLIO EDITORA Nº 29 2003 R\$ 12.50

NOVAS CRIAÇÕES CAMPANA • ARTE BANWA: UMA CULTURA REVALORIZADA • BEA FEITLER DESIGN GRÁFICO EM N.Y.
BIENAL DE SAINT ETIENNE • COZINHAS BRASILEIRAS E ITALIANAS



2.9 >



Acima, imagem da capa, fotografada por Cristiano Sérgio. Abaixo, detalhe da construção do sushi. No pé da página, Fernando e Humberto no sofá Sushi

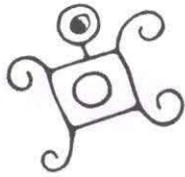


A imagem da capa é o detalhe do sofá Sushi, construído com diversos rolinhos, ou "california rolls", feitos de tiras de feltro, EVA, carpete, PVC e tela emborrachada.

Criar um novo material a partir de materiais existentes – esta é a base dos novos projetos com assinatura Campana.

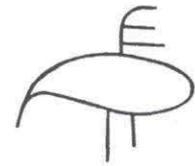
Criar tecnologias possíveis, ou modos de fazer independentes, que prescindem de um aporte industrial é, sem dúvida, uma das grandes contribuições dos irmãos Campana para a viabilização do design brasileiro.

Criar projetos locais, que expressem os diferenciais positivos do "ser brasileiro" – um projeto livre, leve, solto –, falando ao mesmo tempo uma linguagem internacional, é a razão do grande sucesso de Fernando e Humberto Campana, em todo o mundo.



ARTE BANIWA

EXPRESSÃO CULTURAL



Desenhos milenares inscritos nas pedras, conhecimentos de botânica adquiridos na própria vivência na mata, destreza manual, cultura revalorizada. Desses ingredientes é feita a arte Baniwa.



A obstinação de antropólogos, sociólogos, educadores, etnobotânicos e agrônomos, reunidos em torno a organizações dedicadas ao trabalho junto às comunidades indígenas, soube valorizar e dignificar a arte indígena e viabilizar o desenvolvimento sustentável desse grupo étnico, tornando possível a comercialização de seus artefatos



Acima do título, alguns dos desenhos rupestres encontrados na região do Alto Rio Negro, significando Camarão, Rio Içana.

No alto, logomarca baseada no lixiapo, o umbigo ou guia, início obrigatório do trançado de urutus e jarros. Acima, urutus, com desenhos diversos e jarros [kaxadadáli, na língua do tronco aruak, que significa o formato barrigudo de uma cesta ou cerâmica, e se aplica também às mulheres grávidas e aos animais]. Na página ao lado, o bongo, barco que transporta a produção pelo rio Içana



VERDADE E CRIATIVIDADE

Logo que cheguei ao Brasil procurei os Campana. Hoje tenho peças exclusivas na agência e em casa. Por quê? Acho que vi naquelas peças a expressão da própria vida, eram objetos verdadeiros, cuja idéia surgia da natureza, para além da "folha branca" que aguarda o desenho.

Agradam-me porque representam o Brasil e a América do Sul, com uma inspiração que surge espontânea, sem interferências — o que não temos mais na Europa — e que faz com que essa parte do mundo esteja muito avançada em termos de criatividade.

Poderíamos pensar em um fenômeno como ocorreu na literatura, há algumas décadas, com o realismo fantástico. Mas os objetos desses irmãos falam da realidade palpável, material, neles não há nada de mágico ou sobrenatural. O universo de Fernando e Humberto é belo, de uma beleza que se poderia traduzir nas seguintes palavras: "qualquer coisa que se faça com o coração, mesmo sendo pobre, tem em si nobreza".

Stefano Zunino
Presidente da agência de publicidade Lowe no Brasil
Colecionador de peças com design Campana

À direita, dois integrantes do workshop exibem, orgulhosos, suas criações. Os designers tinham à sua disposição, para a criação das peças, somente as câmaras de ar e materiais encontrados nas redondezas, como galhos de árvore, ferragens e palha: a intenção era desafiar os participantes a construir com poucos recursos







Foto Beto Ricardo

Acima, Aldeia Tucumã-Rupitã, sede da DIBI, no alto Içana. Abaixo, transporte da cestaria para o carregamento do bongo, primeira etapa da longa viagem. Na página ao lado, jarro com a base e o gargalo em desenho marchetado kettamárhi, ou o desenho das costas de um tipo de besouro



Foto Beto Ricardo

Maria Helena Estrada

Fotos Pedro Martinelli

Alto Rio Negro, Bacia do Rio Içana, fronteira com a Colômbia e a Venezuela. É nesse pedaço de Floresta Amazônica que se encontra uma população de 12 mil índios, sendo cerca de 4 mil no Brasil, ocupando a maior parte de uma área de 100.000 km² (solos áridos e pobres, manchas descontínuas de terra firme separadas por igapós), no Estado do Amazonas. É a etnia baniwa, parte do grupo linguístico aruak.

Sabe-se: as populações indígenas, nessa região e em todo o Brasil, se submeteram ao trabalho escravo, foram catequizadas, dizimadas. Pela força do branco, o próprio índio passou a duvidar do valor de sua cultura.

Habitando há séculos o extremo noroeste do Brasil, os povos baniwa vivem tradicionalmente da cultura da mandioca brava e da pesca. Seus artefatos, usados apenas para consumo da tribo, passaram aos poucos, e em pequenas quantidades, a serem trocados por bens de consumo, ou ainda – costume estabelecido pelas missões católicas – “pagos” com roupas usadas.

Mas essa realidade começa a mudar.

“Nos últimos cinco anos a produção artesanal baniwa assumiu uma forma de economia autônoma e autodeeterminada”, escreve em sua monografia Lucia Peixoto Calil. Essa mudança tem sido conduzida por três organizações: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), Organização Indígena da Bacia do Içana (OIBI) e Instituto Socioambiental (ISA), cada uma em sua função específica, que detalharemos ao final.

O que é a arte baniwa? Como ela consegue ser fiel às suas características milenares? Por que esse artesanato é visto como arte?

O homem baniwa colhe o arumã, recolhe as plantas que servirão para o tingimento e a fixação das cores, prepara e corta a palha, realiza o trançado das peneiras, dos cestos e do tipiti. A mulher baniwa rala, espreme a massa de mandioca ralada no tipiti, coa na peneira, processa a mandioca: faz farinha e beijus nos artefatos criados por seu homem. É assim desde sempre.

Além da peneira e do tipiti, os baniwas tramam os urutus (ooloda, na língua baniwa), que servem para guardar farinha, beiju ou roupa, e também a mandioca, antes ou depois de espremida no tipiti.

O arumã (Ischnossiphon) cresce em touceiras, em terrenos úmidos ou semi-alagados, e brota após o corte. Além do arumã, os baniwas também usam a jacitara, o caranã e o javari. E, lendo esses nomes de plantas brasileiras, nos damos conta de quanto desconhecemos nosso país!

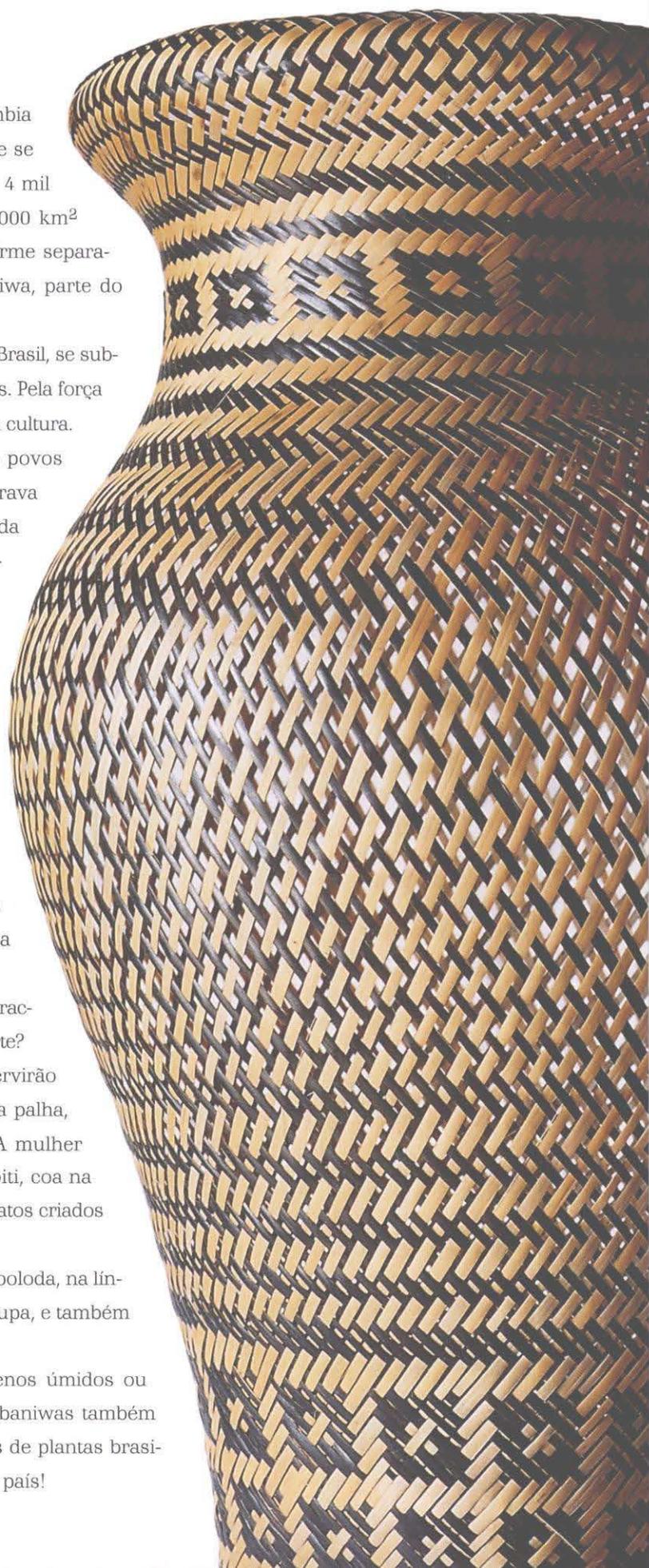




Foto Beta Ricardo



Na sequência de fotos acima: o arumã sendo areado no igarapé; colmos sendo carregados; o corante vermelho extraído do urucu ou do caraju; fase de tingimento; na montagem da base do urutu o trançado se inicia com duas ou três talas, no máximo quatro, mas para a peneira só se usam duas talas para uma trama adequada; um urutu sendo tramado com o desenho diákhe, ou movimento infinito.

Ao lado, fachada da oficina dos mestres, em Tucumã.

Abaixo, balaio (waáya), que aparece na mitologia e nos rituais de iniciação das meninas e meninos e que são as peças mais trabalhosas, exigindo um beiral que é feito de cipó ou outra fibra

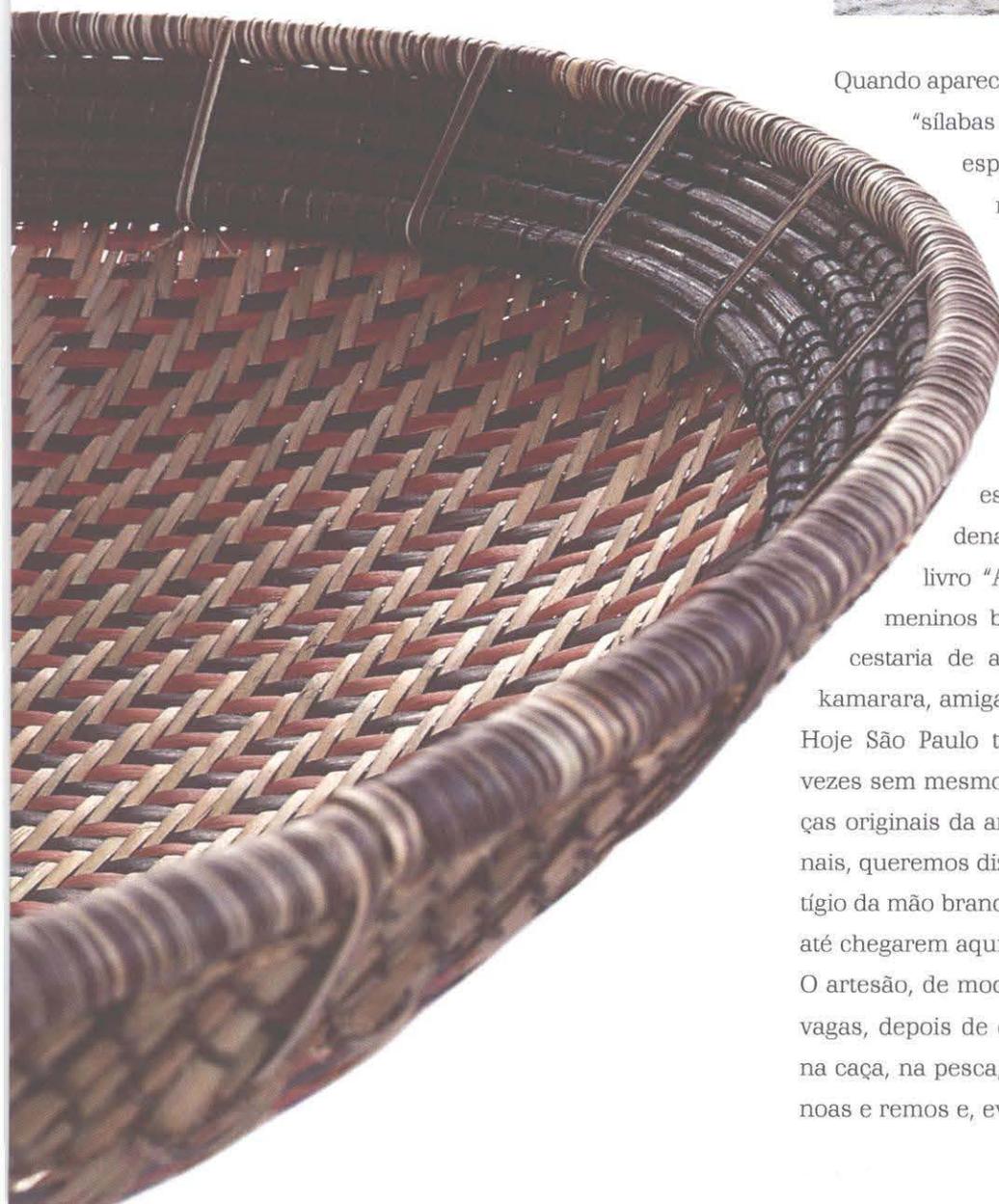


Quando aparecem motivos geométricos em cores, estas “sílabas gráficas” têm um significado simbólico específico, com claras referências à rica mitologia e religiosidade dessa etnia.

Um cesto ou uma peneira, que podem nos parecer trabalho elementar, toma forma por meio de um sofisticadíssimo processo. “Fazer cestaria de arumã com esmero é tornar-se adulto, atestado de como sobreviver no mundo”, escreve o antropólogo Beto Ricardo, coordenador do Programa Rio Negro (ISA), no livro “Arte Baniwa”. No ritual de iniciação, os meninos baniwas em reclusão aprendem a fazer cestaria de arumã, cujas peças serão ofertadas à kamarara, amiga ritual.

Hoje São Paulo tem à disposição no comércio, muitas vezes sem mesmo se dar conta do que tem em mãos, peças originais da arte baniwa. E quando falamos em originais, queremos dizer que são peças nas quais não há vestígio da mão branca ou “moderna” em sua confecção. Mas até chegarem aqui, a odisséia é das mais árduas!

O artesão, de modo geral, trabalha na cestaria nas horas vagas, depois de exercer suas atividades na agricultura, na caça, na pesca, na fabricação de ralos de madeira, canoas e remos e, eventualmente, na construção das casas.





Fotos Beto Ricardo



À esquerda, urutus sendo etiquetados e encaixados na embalagem; abaixo, urutus em arumã raspado (cor natural) com grafismos em vermelho e preto; no pé da página, na sequência, a mulher rala a mandioca no áada, ralo de madeira, que só os baniwas fabricam; lava na pe-neira (dopítsi); espreme no tipiti e prepara o beiju

Você ainda acredita na lenda de que índio é preguiçoso? Para a cestaria, o arumã é cortado, desbastado, amarrado em feixes e levado à aldeia; separa-se a casca (que vai ser usada) do miolo (parte dele servindo para o trançado da embalagem); cortam-se as talas, milimétricas, e o artesão pode decidir usar o arumã ainda com a casca, ou raspar e arear os colmos em um igarapé. No caso de trabalhar com grafismos coloridos, os colmos são tingidos antes da retirada das talas. Trabalho demorado, os tingimentos vermelhos são obtidos de plantas (urucu, carajuru, bignoniáceas) e, os pretos, da fuligem do

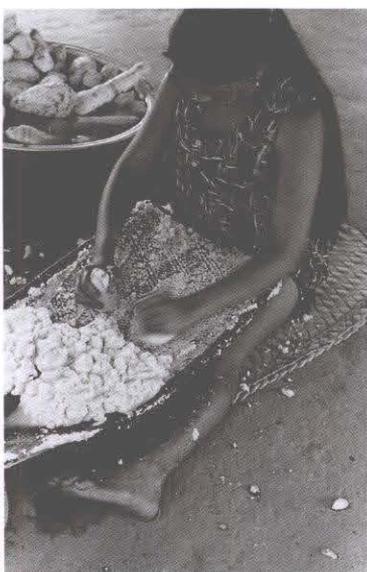


Foto Beto Ricardo



Foto Beto Ricardo



Foto Beto Ricardo



Na sequência acima, jarros sendo encaixados na embalagem; controle de qualidade e emissão das notas fiscais; início da descida do Rio no bongo; Cachoeira do Tunuí, que interrompe o trajeto, fazendo com que cestos e barcos sejam carregados por terra; navegando novamente; caminhão carregado para a viagem de São Gabriel da Cachoeira a Camanaus. Ao lado, mapa com a localização da área das comunidades. Abaixo, canoa que recolhe a produção dos artesãos nas diversas comunidades



Foto Beto Ricardo



Foto: Beto Ricardo

Ao lado, os mestres escolhidos pelas comunidades, dentre os mais hábeis artesãos, para transmitirem os ensinamentos aos jovens. Abaixo, menina baniwa com uma embalagem com alça

querosene ou do óleo diesel, ou ainda da cinza dos fornos. Os fixadores são seivas viscosas extraídas da entrecasca do ingá ou de algumas outras árvores, finas lascas retiradas com facão, que são esmigalhadas e espremidas no tipiti. E essa é a etapa mais simples! A partir daí, começa o trançado.

Hoje essa tradição está sendo transmitida pelos mestres, escolhidos pelas próprias comunidades entre os melhores artesãos, que nas escolas ensinam os jovens índios.

Mas o inacreditável é o transporte dos urutus, balaio, jarros e peneiras – devidamente embalados –, que começa com o carregamento dos bongos (barcos). Cada bongo transporta oito pessoas e 100 dúzias de urutus. Barcos carregados descem rio abaixo, e a cada cachoeira a mercadoria é toda descarregada, transportando-se por terra, nos braços e ombros, cestos e barcos; calmaria no rio, recarrega-se tudo, até a próxima cachoeira – são pelo menos dez (!) no trajeto da aldeia, no Alto Rio Içana, até São Gabriel da Cachoeira, em uma viagem que pode levar até uma semana. Neste ponto, a cestaria viaja 30 km para ser reembarcada no Porto de Camanaus; mais três dias até Manaus, e então, em balsa e caminhão, via Belém, são mais 2.120 km até São Paulo.

Mas como coordenar essa produção quando uma cadeia de lojas como a Tok & Stok, por exemplo, faz um pedido? Quantidades por tipologia, prazo de entrega, controle de qualidade, embalagem correta, etiquetagem, são condições fundamentais para que se



Foto: Beto Ricardo



*Algumas das sílabas gráficas do vocabulário baniwa:
ROWIDZOKAMI = mulher peneirar marca*

DIÁKHE = desenho/movimento infinito

KETTAMÁRHI = desenho das costas de um tipo de besouro

possa ter uma venda continuada. Como fazer chegar os pedidos aos artesãos, muitas vezes vivendo em comunidades isoladas? Como montar uma cadeia produtiva?

Parece inviável o processo, se pensarmos na distância e precariedade de meios para se alcançar os “locais de produção”.

Mas a engrenagem tem funcionado, e com precisão. A empresa ou loja, no momento do pedido, entra em contato com o ISA, em São Paulo, que avisa a FOIRN, em São Gabriel da Cachoeira, esta comunica as condições da encomenda à OIBI, que entra em contato com sua referência na aldeia Tucumã-Rupitã. Pelo rádio, alerta-se as comunidades sobre o volume e a data de entrega, programando cada artesão individualmente.

O artesão ajusta sua rotina diária reservando um dia, ao menos, para cortar o arumã, extraindo de 100 a 200 colmos, que produzirão duas meias dúzias de urutus com o sistema de encaixe, ou seja, com alturas e diâmetros decrescentes, em duas semanas de trabalho.

Cinquenta dias após a divulgação da encomenda, inicia-se a viagem para recolher a produção em cada comunidade, anotando quantidade e crédito.

Depois disso você diria, ao escolher um cesto baniwa em uma loja de São Paulo, ou de outra cidade do Sul, que comprou um simples cesto de lixo ou de guardados?

Nesse ponto levanta-se uma das questões relativas à comercialização dos artefatos da tribo baniwa, da arte baniwa. Vistos como utilitários em uma loja de produtos diversos, obedecendo aos preceitos mercadológicos, cada tipologia irá para um departamento: cesto baniwa com cesto de plástico, peneira baniwa com peneira de metal. Como evitar essa desagregação? Como manter intacto o enorme valor cultural e ambiental dessas peças, que traduzem nossa cultura mais remota? Considerações desse tipo fazem parte das preocupações do ISA.

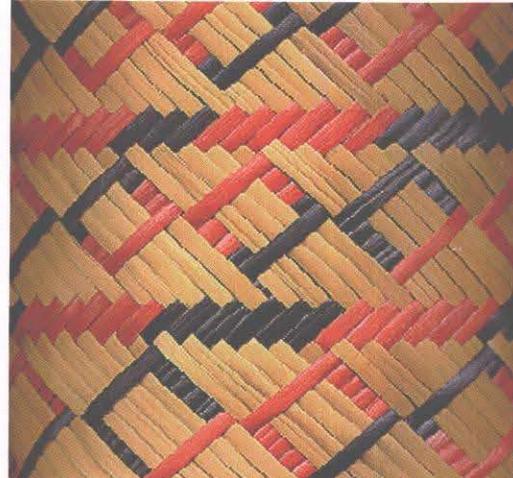




KETTAMÁRHI = desenho das costas de um tipo de besouro



AALIDALI IEKOA = tatu testa



MAKOWE ÍTHI = ave noturna olho

Retomando a origem do processo, vemos que a escolha da atividade da cestaria como experiência-piloto de formas alternativas de geração de renda mostrou-se um caminho viável, depois de algumas experiências de outra natureza.

Comprovam essa escolha encomendas como a da Tok & Stok e as vendas corporativas, como as 2 mil unidades de urutus no lançamento da linha Ekos, da empresa Natura.

Mas a revalorização e comercialização da cestaria é um dos elos da cadeia de um projeto maior. O Programa Regional de Desenvolvimento Indígena Sustentável do Rio Negro é uma parceria de longo prazo entre o ISA, o FOIRN e as associações indígenas filiadas. Esse programa inclui um vasto “cardápio” de ações integradas nas áreas de demarcação e fiscalização das terras, direitos, comunicação, transporte, educação escolar, valorização da cultura e da agrobiodiversidade, saúde e segurança alimentar. ✱

ORGANIZAÇÕES ENVOLVIDAS NO PROJETO ARTE BANIWA:

DIBI (Organização Indígena da Bacia do Içana). Responsável por toda a gestão do processo, até a etapa de entrega ao comprador.

Instituto Socioambiental (ISA). Identifica mercados potenciais e assessoria contatos comerciais. Assessoria institucional na definição de estratégias de desenvolvimento do projeto, atuação política e articulação da DIBI com outras instituições indígenas, governamentais e da cooperação nacional e internacional.

Federação das Associações Indígenas do Rio Negro (FOIRN). Apoio de comunicação e logística em São Gabriel.

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

DIBI (Organização Indígena da Bacia do Içana): oibiwatsa@poranganet.com.br
ISA (Instituto Socioambiental): (11) 3660-7949, com Natalie; natalie@socioambiental.org

FONTES:

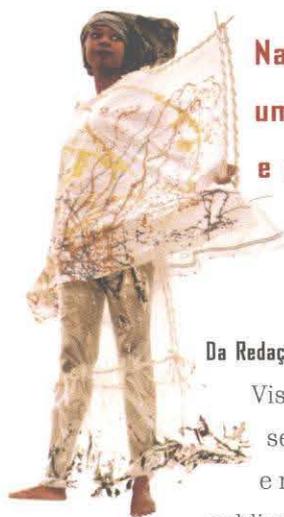
Arte Baniwa: cestaria de arumã. Beto Ricardo. São Gabriel da Cachoeira – São Paulo, 2001.

Fazendo Arte e Inventando Novas Tradições: a experiência de comercialização da Arte Baniwa. Lúcia Peixoto Calil. Texto fotocopiado.

Com exceção das fotos assinaladas como sendo de autoria de Beto Ricardo, todas as demais são do fotógrafo Pedro Martinelli, cedidas pelo ISA.

BABEL DE SIGNOS E EXPRESSÕES

BIENAL DE ST. ÉTIENNE



Na pequena cidade de Saint-Étienne, França, realiza-se a cada dois anos uma grande manifestação do design internacional, reunindo profissionais e estudantes. Este ano foi dedicado um espaço a ARC DESIGN, que teve sua estréia internacional

Da Redação

Visitada e fotografada por Fernanda Sarmiento, nossa editora de arte, deparamo-nos ao seu retorno com um puzzle do mundo, geografia desconstruída no conjunto de fotos e na diversidade das mostras organizadas para esta 3ª Bienal de Saint-Étienne, também publicadas no catálogo editado pela revista Azimuts.

Escolhemos o desconhecido e o inusitado dentre as variadas, desencontradas exposições que reuniram 68 países, criando intencionalmente uma “justaposição cultural”, nas palavras de Céline Savoye, Comissária Geral da Bienal.

África, Oriente, um pouco de Europa e, na República Tcheca, um nome que surge com força – Jiri Pelcl. Do Senegal, escolhemos o brutalismo poético, a força expressiva de Baay

Kaaly Sene e o design ingênuo e colorido, encontrado na mostra “Fantastique Plastique”; da Etiópia, as peças em cerâmica das “mulheres do fogo”, que expressam uma ancestral sacralidade; quase sempre, privilegiamos o design artesanal, que deixa transparecer a cultura, a evolução, os modos de cada país.

“Se foram as palavras que inventaram o pensamento (e não o contrário), foi a aptidão a fabricar

que fundou a história das civilizações. Os objetos não são apenas um simples corolário das culturas humanas: assim como as palavras na sua materialidade sonora, eles constituem seu fundamento”, afirma Jacques Bonnaval, diretor-geral desta bienal.

Encontramos esse mesmo partido conceitual em Pelcl, para quem “os objetos deveriam poder contar sua história, transmitir o que há no ar”.

Idéias que compartilhamos, ao falar do design no Senegal, por exemplo, e no trabalho de dois personagens – Nicolas Cissé e Baly Kaaly Sene. Cissé, empenhado em combater o exotismo étnico ou tribal na criação africana, retomando contato com as fontes culturais como processo criativo, na procura de uma linguagem compreensível a todo mundo; Sene, que vê suas criações como o fruto de uma reflexão sobre a África de hoje (gestão dos recursos, meios de produção, adaptação ao ambiente).

O encontro entre uma artista, Etiyé Dimma, e as herdeiras de uma tradição artesanal milenar é expresso na exposição “mulheres do fogo”, as quais desde sempre fabricam seus potes de barro.

Design e artesanato unidos na criação, como uma via de expressão que prescindiu do aporte industrial – e assim funda uma nova (velha) estética –, também foi a contribuição

